

FONTE : JB

CLASS. : 309

DATA : 26 12 90

PG. : 09

Chico Mendes e seu contexto

*Márcio Moreira Alves **

Macroideologias são conjuntos de idéias que explicam o passado, o presente e o futuro, como as religiões e o marxismo-leninismo. Estão em baixa no Ocidente, o que abriu espaço político para as microideologias. São elas visões parciais do mundo suficientemente mobilizadoras para conquistar a imaginação de grupos limitados da população. O ecologismo é uma dessas microideologias; o racismo, outra; e poderíamos acrescentar o feminismo, quem sabe o nacionalismo, que tão forte se tem revelado na URSS e nos Balcãs. A lista pode ser espichada de acordo com as circunstâncias e a imaginação do freguês.

No caso, o que nos interessa a respeito da Amazônia é o ecologismo e o racismo. Por que racismo? Por ser este um país superbom para quem tem cara de doutor. Para quem tem cara de madame, também é jóia. Para o resto é choro e ranger de dentes.

Racismo não é apenas uma ideologia de exclusão baseada na cor da pele. É ainda uma maneira de desumanizar os outros em razão da inserção de cada um na sociedade, ou seja, a discriminação social pode ser uma forma de racismo. Explicando: se onde eu vivo a forma nobre de inserção na sociedade é ser fazendeiro, dono de gado e terras, pode dar um nó na minha cabeça que me faça considerar que somente os outros fazendeiros são gente. Quem não possui terras não chega a ser propriamente um ser humano. É meio bicho. Pior: o não proprietário que interfere no livre uso e gozo da terra é um bicho do mato perigoso. Para o bicho perigoso inventou-se a espingarda de cartucho. Logo: fogo nele. E ninguém interfere mais com a vida dos fazendeiros da Amazônia que os seringueiros. Sobre Chico Mendes, o iniciador do empate, transposição para a floresta dos métodos de não violência ativa usados por Gandhi contra o colonialismo inglês.

O racismo é hoje a ideologia dos que não conseguem acompanhar o progresso científico e tecnológico e, portanto, perdem posições na hierarquia da sociedade. Como são incapazes de reconhecer essa realidade, preferem atribuir a terceiros o seu descenso. Em um país como a França esse fenômeno é extremamente claro — os seguidores do líder racista Le Pen são os pequenos comerciantes massacrados pelos supermercados, os operários não qualificados, os pequenos agricultores, um que outro nobre fim de raça, que atribuem aos norte-africanos a quebra do seu padrão de vida.

Nos últimos dez anos no mínimo mil e duzentos posseiros, seringueiros e líderes de sem-terra foram assassinados na Amazônia. A explicação para a total impunidade dos mandantes e assassinos não pode residir apenas na corrupção da polícia e dos juizes, nem do domínio dos grileiros e fazendeiros sobre a estrutura política municipal. Forçosamente ele terá que estar no domínio da ideologia. Segundo a visão de mundo dos que por lá controlam a lei e as suas forças, matar esse tipo de gente não é crime. É uma desagradável tarefa do proprietário, como proteger o rebanho de alguma onça tresmalhada. Recusar ao outro a sua condição humana por ser diferente é a característica principal do racismo.

O assassinato de Chico Mendes foi punido, parcial e provisoriamente — não demora os condenados fugirão da cadeia — pela interferência do ecologismo. O ecologismo é uma das mais ativas microideologias dos que estão suficientemente satisfeitos com a sociedade em que vivem para desejar legá-la, pelo menos nas mesmas condições em que se encontram as gerações futuras. Essa a razão pela qual adquire tanta força nos países desenvolvidos e porque, entre nós, impressiona sobretudo os jovens das classes mais favorecidas. Quem tem, manda. Inclusive em organismos multinacionais de crédito, como o Banco Mundial, que enviou a Xapuri o seu representante no Brasil. Pressiona

também, através de ONGs, organizações não-governamentais, e da imprensa internacional.

Massacres, crianças morrendo de fome, ditaduras militares, torturas, epidemias de doenças controláveis, todos esses sinais de subdesenvolvimento explícito são considerados pelos povos do Norte como a sina inerente aos povos do Sul. Despertam, quando muito, a solidariedade dos generosos e dos militantes. Raramente conquistam espaço de mídia. São tomados como dados concretos, como as montanhas e os rios. A floresta tropical é também um dado concreto. Em consequência, a sua devastação por uma horda de fazendeiros primitivos do tipo da família Alves, é considerada uma alteração intolerável no equilíbrio do planeta, portanto no patrimônio de todos. Chico Mendes, pela coragem da sua pregação, pelo destaque que conseguiu na imprensa norte-americana e, sobretudo, pela dramaticidade da sua morte anunciada, passou a ser considerado um mártir de uma causa da humanidade. Logo, a condenação de dois dos executores foi uma satisfação prestada aos que com os destinos da humanidade se preocupam.

As autoridades do Brasil moderno ficaram contentes com o resultado do júri de Xapuri. Respiraram aliviadas. Afinal, como escreveu José Casado, repórter exemplar, era o Brasil quem estava no banco dos réus. Mas será que tomarão as providências para que outros Chico Mendes possam viver em uma floresta ao mesmo tempo preservada e racionalmente explorada? E terão o poder e a vontade política para instaurar na Amazônia, do Acre ao Peru e ao sul do Maranhão, a lei da civilização? Para que isso seja possível é indispensável que se estude o manejo da floresta e se invista em projetos capazes de sustentar economicamente as populações que nela vivem. Só nesse contexto se poderá fazer justiça a Chico Mendes.

* Jornalista e cientista político